

GÊNEROS TEXTUAIS

O GÊNERO TIRA DE HUMOR E OS RECURSOS ENUNCIATIVOS QUE GERAM O EFEITO RISÍVEL

José Ricardo Carvalho da Silva
ricardocarvalho.ufs@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Neste trabalho propomos discutir os processos envolvidos na leitura das tiras em quadrinhos que visam à produção do efeito humorístico. Durante muito tempo, as tiras em quadrinhos, de maneira especial, foram vistas como objeto de leitura pernicioso e alienante por diversos intelectuais, portanto banido da esfera educativa. Geralmente, a leitura deste gênero se dava no dia-a-dia de maneira espontânea e intuitiva, por meio de jornais e revistas em quadrinhos, no espaço privado. O leitor se divertia com as piadas encontradas nas tiras, sem se preocupar com os mecanismos que o autor utilizava para produzir o humor. Contudo, a leitura das tiras passa a ser vista sob uma nova perspectiva com os estudos discursivos que refletem sobre o uso da língua nas diversas situações comunicativas. Este novo enfoque passa a valorizar o estudo dos diferentes gêneros de discurso, estimulando a investigação dos fatores linguístico-semântico-pragmáticos voltados para a leitura dos textos de humor.

A tendência de analisar a linguagem das tiras em quadrinhos ganha maior visibilidade por volta de 1990. Muitos livros didáticos de Língua Portuguesa passam a ter seções dedicadas à análise de pressupostos e implícitos presentes na fala dos personagens. Tornam-se frequentes, nas provas de interpretação de textos dos vestibulares, questões sobre procedimentos discursivos que os autores das tiras utilizam para promover o humor. Tais práticas, incorporadas ao universo didático são tributárias de um novo paradigma teórico apoiado nos estudos da enunciação²¹, por assim dizer, fundados por Ba-

²¹ Flores (1995) sintetiza: "A teoria da Enunciação é, como se conhece, o conjunto de trabalhos que estuda os fatores e atos que provocam a produção de um enunciado. Refletindo sobre questões de interlocução, intersubjetividade, tempo e lugar, essas teorias buscam preencher as lacunas da linguística pelo argumento de que o estudo semântico dos enunciados é insuficiente quando não se leva em conta a enunciação". (Teixeira & Flores, 1995, p. 20).

khtin, Benveniste e Ducrot. Este arcabouço teórico, impulsionado pelo filósofo da linguagem, Bakhtin (1992), inspira a afirmação de que todo enunciado só pode ser compreendido no interior de um gênero discursivo.

Apesar do estudo sobre o gênero do discurso ter sido uma discussão realizada pelos estudos literários na Antiguidade clássica, ela só passa ganhar um novo contorno ligado às práticas sociais com os estudos de Bakhtin. Com Bakhtin, a noção de gênero é redimensionada no âmbito das interações sociais, seus estudos observam formas enunciativas relativamente estáveis no modo de configuração dos textos que desempenham uma função social. Nesse sentido, em toda situação comunicativa, oral ou escrita, existe um modo de organização verbal, socialmente constituído, que consagra um repertório de estruturas enunciativas que orienta o falante no uso da língua e compreensão dos enunciados. A partir deste ponto de vista, a definição de gênero não se restringe, somente, às atividades literárias, mas corresponde a todo sistema regulador de produção discursiva, sedimentado em uma sociedade, com a finalidade de produzir efeitos de sentidos sobre o interlocutor situado em contexto de interação.

A visão de funcionamento da linguagem apresentada por Bakhtin trouxe uma série de contribuições na maneira de ler e compreender os enunciados. A partir da noção de gênero do discurso, é possível observar um forte deslocamento das práticas de leitura no modo de organização das atividades de interpretação no espaço escolar. Uma das grandes modificações foi o estudo da linguagem por meio da observação do funcionamento da linguagem nos diferentes gêneros discursivos. Neste novo contexto, o gênero tira de humor será um dos textos que mais se apresentará nos exercícios de interpretação nos livros didáticos e no cotidiano de alguns educadores. Do ponto de vista da compreensão enunciativa, Possenti (1988) afirma que para ler um texto de humor é preciso ter um conjunto de competências que possibilitem a interpretação deste discurso. A competência para ler de humor está ancorada no domínio de saberes compartilhados no mundo social e um saber semântico-pragmático-discursivo. Tal fenômeno pode ocorrer de forma intuitiva sem que o leitor se dê conta dos mecanismos utilizados para a compreensão dos textos. No entanto, acreditamos que tal procedimento demanda uma reflexão mais ampla quando se trata da leitura das tiras de humor no espaço esco-

GÊNEROS TEXTUAIS

lar, visto que todo um movimento de explicitação de procedimentos que visam ampliar as competências leitoras do aluno.

Desta forma pretendemos elucidar procedimentos voltados para a formação do aluno leitor, redimensionando as estratégias utilizadas para explicitar os aspectos envolvidos na produção de sentido das tiras em quadrinhos. Neste enfoque estaremos atentos as propostas de leituras desenvolvidas nos livros didáticos e o modo como os alunos interpretam os enunciados diante das interações mediadas pelo professor. Sendo assim, trabalhar a leitura de tiras em quadrinhos de humor em uma perspectiva enunciativa é muito mais que uma atividade de decodificação, visto que o leitor para produzir sentido ao que lê precisa estabelecer arregimentação das vozes e posições discursivas dos diversos locutores e enunciadorens inscrites no texto. Demanda, então, um processo de organização da dispersão de sentidos exposto sob os diferentes segmentos que dá materialidade ao discurso. Para ler é preciso que o leitor compreenda metáforas e produza significação, considerando o contexto onde se realiza o enunciado. Outro fator significativo é a identificação de marcas linguísticas que ativam inferências sobre o dito e o interdito. As tiras em quadrinhos por se um texto rico de implícito apresenta-se como um gênero ideal para se debruçar sobre as formulações implícitas. Nos livros didáticos elas têm aparecido com bastante frequência, atuando como desencadeador de reflexões sobre o funcionamento da língua e atividade de compreensão textual.

Na atividade de compreensão, geralmente partimos das informações textuais (que o autor ou falante dá no seu discurso) e informações não textuais (que nós, como leitores, colocamos no texto ou que fazem parte de nossos conhecimentos ou da situação em que o texto é produzido). Com isso construímos sentidos (inferimos conteúdo) e estabelecemos uma dada compreensão do texto. Portanto, podemos admitir que a compreensão textual se dá em boa medida como um processo inferencial, isto é, como uma atividade de construção de sentido em que compreender é mais que extrair informações do texto: é uma atividade de produção de sentidos.... compreender é agir sobre o texto (Marcuschi, 1996, p. 74).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diferente dos textos narrativos que descrevem o espaço enunciativo de forma descritiva, as tiras descrevem o contexto da ação e da realização da fala por meio de ilustrações. As imagens atuam como marcas que ajudam a significar o texto verbal. Sendo assim, podemos caracterizar as tiras, tal como Mendonça (2002) apresenta:

As tiras são um subtipo de HQ; mais curtas (até 4 quadrinhos) e, portanto, de caráter sintético, podem ser sequenciais (capítulos de narrativas maiores) ou fechadas (um episódio por dia). Quanto às temáticas, algumas tiras também satirizam aspectos econômicos e políticos do país, embora não sejam tão “datadas” como a charge. Dividimos as tiras fechadas em dois subtipos: a) tiras-piadas, em que o humor é obtido por meio das estratégias discursivas utilizadas nas piadas de um modo geral, como a possibilidade de dupla interpretação, sendo selecionada pelo autor a menos provável; b) tiras-episódio, nas quais o humor é baseado especificamente no desenvolvimento da temática numa determinada situação, de modo a realçar as características das personagens (...) Podemos caracterizar, então, caracterizar provisoriamente a HQ como um gênero icônico ou icônico verbal narrativo cuja a progressão temporal se organiza quadro a quadro. Como elementos típicos, a HQ apresenta desenhos, os quadros e os balões e/ou legendas, onde é inserido o texto verbal. (Mendonça, 2002, p. 199)

Sobre o aspecto sintético da tiras em quadrinhos, podemos afirmar que o funcionamento de sua linguagem é elíptico, visto que a representação em seu plano espaço-temporal é demarcada por rupturas e espaços vazios que devem ser preenchidos com informações produzidas pelo leitor no processo de produção de sentido. “A narrativa dos quadrinhos funda-se sobre o salto de imagem em imagem, fazendo da elipse (resultante do emprego numeroso, visto que necessário, de cortes espaciais e espaço-temporais) a sua marca registrada. (Cirne, 1972, p. 39-40).

Além disso, é possível observar um conjunto de regularidades que se encontram no gênero tira de humor. Para provocar um efeito risível, é possível perceber que a própria estrutura de um evento cômico decorre de uma situação ambivalente que provoca a disjunção de dois fatos. Neste exercício, o texto rompe com um determinado tópico discursivo que seguia uma dada direção argumentativa para enfatizar outro aspecto, provocando uma sensação de fato absurdo.

GÊNEROS TEXTUAIS

PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Uma das maiores dificuldades para analisar textos que pretendem fazer rir é a identificação das especificidades do funcionamento da linguagem do humor, diferindo de outros universos textuais. Muitos estudos não definem a esfera do domínio humorístico como prática social de interação discursiva, reduzindo as análises a aspectos sociológicos ou linguísticos, de maneira isolada. Por consequência, questões relevantes que abordam os dispositivos enunciativos, destinados à produção de efeitos humorísticos, são desconsideradas.

No que tange à análise do objeto tiras em quadrinhos, as investigações mais recentes se remetem a diferentes facetas de sua constituição. Alguns pesquisadores dão maior ênfase aos fatores composicionais no plano figurativo. Ressalta-se a função dos vários tipos de balões, o uso de vinhetas e legendas, as cores, os recursos onomatopaicos, o modo como os personagens são desenhados e como os quadros estão organizados. Outros pesquisadores dão destaque ao plano temático: são observados os assuntos tratados nas tiras, a forma de representação e a posição ideológica dos personagens, conferidas nos episódios impressos. No plano linguístico, muitas pesquisas ressaltam os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, bem como recursos de figura de linguagem geradores de expressão cômico-humorística.

Em nossa pesquisa, propomos um olhar interativo sobre os aspectos enunciativos relacionados à produção do efeito cômico-humorístico nas tiras em quadrinhos. Tal olhar apóia-se na perspectiva de *gênero discursivo*, concebida por Bakhtin, e na noção de *domínio discursivo* (esfera em que se encontra o discurso do humor e se realiza o gênero tira de humor) proposta por Marcuschi (2002). O enfoque discursivo destes dois autores reserva algumas diferenças que explicitaremos no decorrer deste trabalho.

Diferente da narrativa tradicional, promovida pela alternância dos enunciados verbais assumidos pelo narrador e pelos personagens, as tiras em quadrinhos são organizadas pelo discurso direto em que os personagens assumem a palavra sob o apoio das imagens que procuram traduzir o cenário e as circunstâncias enunciativas. Nesse sentido, os enunciados reservam em sua configuração aspectos for-

mais que os distinguem dos textos puramente verbais. Sua estrutura é compacta e condensada, as expressões dos personagens são focalizadas para que o leitor se detenha em pontos específicos para os quais o autor sugere um olhar crítico. Além destas diferenças, do ponto de vista estrutural e funcional, a escolha temática sobre os assuntos abordados, em consonância com peculiaridades sócio-culturais dos interlocutores, vão determinar o efeito risível.

Diferentemente das piadas, que descrevem o espaço enunciativo onde se realiza a fala por meio de uma descrição verbal, as tiras descrevem o contexto com ilustrações que representam cenários, gestos e expressões dos personagens. Além de informações ditas nos balões e ilustradas nos quadrinhos, existe um espaço do não-dito e do não-visto que configuram implícitos responsáveis pela produção do humor. Insere-se no âmbito deste gênero um conjunto de elementos responsável pela evolução e graça da narrativa. Se de um lado, o leitor ri das atitudes e da fala produzidas pelos personagens, de outro lado, o leitor identifica um trabalho de arrematamento de vozes que o quadrinhista articula para produzir ironias, paradoxo e *nonsense*.

É possível perceber, nas tiras em quadrinhos, mal-entendidos decorrentes da discrepância entre valores ilocucionais, atribuídos pelos personagens a um determinado enunciado. Um ato infeliz decorre, assim, de equívocos e atitudes de resistência a um determinado posicionamento em uma interação verbal. Sendo assim, os atos de fala não devem ser analisados isoladamente, visto que o sentido se constitui em uma cadeia de sentidos entre os participantes em um processo de negociação. Quando um falante profere um enunciado, seu dizer é confrontado com um estado de coisas existente e com um conjunto de crenças e expectativas. Desta maneira, um ato de fala pode inspirar um efeito contrário ao intencionado pelo locutor.²² Em muitos episódios retratados nas tiras em quadrinhos, observamos que as falas atribuídas aos personagens têm um intuito de projetar um de-

²² "Devemos considerar de modo global a situação que fez o proferimento – isto é, o ato de fala em sua totalidade – para que se possa perceber o paralelismo que há entre a declaração e o proferimento performativo, e como um e outro podem dar errado. Em casos especiais, a importância do ato de fala total, na totalidade da situação de fala emerge progressivamente da lógica; e assim podemos ir assimilando o proferimento supostamente constatativo ao performativo". (Austin, 1990, p. 56).

GÊNEROS TEXTUAIS

terminado efeito sobre seu destinatário, no entanto seus resultados divergem do que foi inicialmente calculado pelo sujeito responsável pelo ato de fala. Tal procedimento é um dos recursos explorados para a produção do discurso do humor.

Junto com a análise dos atos de falas existe a apreciação da orientação argumentativa incongruente propulsora do riso. Ducrot (1977) defende que língua é essencialmente argumentativa, visto que as palavras e as estruturas frasais determinam os encadeamentos argumentativos, delimitando as possibilidades de sentidos dos enunciados, manifestados implicitamente.

Podemos observar incompatibilidades de dizeres do ponto de vista argumentativo, pela própria escolha das palavras colocadas pelo locutor para defender determinada idéia. Quando um locutor uma sequência de enunciados com orientação argumentativa oposta, imediatamente sua fala é refutada ou se torna objeto de riso. Tal falha é bastante explorada pelos quadrinhistas ao expor um personagem defendendo uma idéia acompanhada de asserções incompatíveis.

No interior do enfoque semântico-argumentativo, Ducrot (1987) distancia-se da noção de pressuposição desenvolvida por Frege, apoiada sobre a questão da verdade e da falsidade das proposições, diante dos conteúdos informativos embutidos em uma sentença. Ducrot constata que a questão essencial para refletir sobre a linguagem é a distinção entre aquilo que é pressuposto e posto em um enunciado, para assim compreender os processos argumentativos. No exemplo “Pedro parou de fumar”, temos dois conteúdos informativos: a) Pedro fumava (pressuposto) e b) Pedro não fuma atualmente (posto). De acordo com a sua perspectiva, essas duas conclusões não devem ser colocadas no mesmo plano do discurso. Para dar continuidade ao enunciado, o locutor se apóia no pressuposto que se mantém irrefutável, permitindo concluir que “por isso está mais atento à sua saúde”. O pressuposto, e não o posto, é responsável pelo quadro geral da enunciação, enquanto o posto corresponde às novas informações acrescidas. Toda fala é desencadeada a partir de determinados pressupostos que direcionam a argumentação para determinadas conclusões. A não aceitação do pressuposto em uma conversa, por exemplo, implica discordar do que havia sido dito antes, criando uma indisponibilidade com as premissas do locutor. Dessa forma, o ato de

pressupor corresponde a um ato ilocucional que fornece limites de sentidos sobre os enunciados, criando obrigações e atribuições de papéis em defesa de um argumento.

O modo como o autor seleciona e distribui as ações enquadradas funciona como sistema de referência cronológica e, por que não dizer, um sistema ideológico, já que a narração é contada a partir de uma determinada perspectiva. Em muitos casos, o quadrinhista expõe proposições e atitudes defendidas pelos personagens em uma perspectiva ridicularizante ou contraditória, do ponto de vista da enunciação. Cabe ao analista observar os contrastes e as pistas projetadas na representação construída pela linguagem icônica e pelos enunciados verbais.

O gênero tira de humor faz parte da linguagem gráfica publicada nas colunas jornalísticas. Sua linguagem apresenta semelhanças e diferenças com as charges e os cartuns na maneira de abordar assuntos polêmicos da vida social. Enquanto a *charge* tem como alvo as mazelas sociais de expressão datada, representando de forma crítica as celebridades do mundo da política, dos esportes e do cenário artístico, o *cartum* trata de temas mais universais atacando problemas relacionados aos valores e atitudes dos seres humanos, diante de determinadas situações no cotidiano. A abordagem dos temas tratados pelos *cartuns* ultrapassa o seu tempo; ele pode ser lido em uma época mais distante do seu contexto de produção, visto que sua formulação estabelece críticas de teor mais genérico que se estendem aos diferentes grupos. Observamos que as tiras abordam os fatos sociais de uma forma bem próxima à dos *cartuns*, não deixando, contudo, em muitos momentos de focalizar acontecimentos situados em uma dada época. É o caso de Quino, que no período da ditadura militar na Argentina, lançou uma série de tiras que tinha uma relação intrínseca com os fatos ocorridos naquele momento histórico.

Diante desta breve caracterização das tiras, dois procedimentos deverão ser desenvolvidos em nosso estudo: a) os atos de fala infelizes que geram o efeito risível nas tiras de humor; b) análise do jogo argumentativo organizado pelo quadrinhista. Dessa forma, os procedimentos enunciativos que geram efeito risível, no interior do gênero tiras, derivam de formulações implícitas apresentadas em di-

GÊNEROS TEXTUAIS

versos níveis da linguagem. Neste contexto, identifica-se que não há uma teoria específica ligada ao discurso do humor.

Acreditamos que este trabalho contribuirá com os estudos enunciativos voltados para a leitura do gênero tira de humor. Tal proposta poderá estimular uma ampla reflexão sobre os processos estilísticos do gênero na dimensão bakhtiniana, rompendo com paradigmas da estilística tradicional. Neste processo de renovação de estudos estilísticos, incluiremos as categorias advindas da Semântica e da Pragmática para uma nova forma de abordar os enunciados definidos na esfera humorística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer – palavras e ações*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

GRICE, H. P. *Lógica e Conversação*. In: DASCAL, Marcelo (Org.), *Fundamentos metodológicos da Lingüística*, vol. 4. Pragmática. Campinas: UNICAMP, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

———. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1996.

BAKHTIN, M. M./ VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

CIRNE, Moacyr. *Para ler quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada*. Petrópolis: Vozes, 1972.

———. *Uma introdução política aos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

DUCROT, Oswald. *Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação*. In: *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

———. *Dizer e Não-Dizer: princípios de semântica lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

FLORES, Valdir. *Lingüística e Psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. **In:** *DLCV: Língua, lingüística e literatura*, João Pessoa, vol. I, nº 1, p. 9-40, 2003.

———. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2003.

———. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. **In:** Dionísio, Ângela Paiva; Machado, Anna Rachel; Bezerra, Maria Auxiliadora. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. **In:** DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel & BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.